

O GÊNERO JORNALÍSTICO E O ENSINO: REFLEXÕES SOBRE REPORTAGEM NA MÍDIA IMPRESSA E NO LIVRO DIDÁTICO

Carolina Izabela Dutra de Miranda

Juliana Silva Santos¹

Universidade Federal de Minas Gerais

Resumo: Este artigo se propõe a discutir o trabalho com os gêneros notícia e reportagem em manuais didáticos no que diz respeito ao caráter híbrido desses textos, quando em situações reais de comunicação. Buscou-se, ainda, verificar possíveis efeitos da apresentação desses gêneros no suporte midiático em relação ao livro didático e ao ensino de tais gêneros. Para tanto, será analisada a abordagem de um livro didático de Língua Portuguesa, que precederá a análise de uma reportagem veiculada na mídia impressa, objetivando a discussão dos recursos linguísticos utilizados na reportagem e notícia e as diferenças entre sua presença nos materiais didáticos e no meio de comunicação escrita.

Abstract: This article proposes to discuss the work of news and reportage genres in teaching materials in relation to the hybrid character of these texts, when in real communicative situations. It also sought to verify possible effects of the presentation of these genres in the media considering the textbook and the teaching of such genres. For this purpose, a Portuguese language textbook's approach will be analyzed, as well as a report conveyed in the print media, in order to discuss the linguistic resources used in news and reportage as well as the differences in teaching materials and in written communication.

1. Este trabalho surgiu a partir das reflexões do seminário realizado em sala de aula, por duas graduandas do curso de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, na disciplina *Estudos temáticos de Linguística do texto e do discurso: Gêneros textuais e produção escrita* ministrada pela Profa. Regina Peret Dell'isola, na Faculdade de Letras / UFMG, no 1º semestre de 2010.

O trabalho com os diferentes gêneros e suportes textuais é proposto como uma tarefa aos educadores de Ensino Fundamental e médio pelos PCN-Língua Portuguesa (1998), seja por meio de atividades complementares ou de livros didáticos, que são trabalhados em sala de aula. Normalmente, estes livros são capazes de abarcar o hibridismo e a fluidez que os gêneros possuem ao tentarmos classificá-los. Assim, Marcuschi (2008) chama a atenção para a importância de observarmos os domínios discursivos em que os textos circulam, uma vez que o lugar de onde se fala é regulador de sentidos e também de objetivos comunicacionais.

Partindo desses pressupostos, optamos por trabalhar os gêneros notícia e reportagem, por serem eles profundamente vinculados à vida social e cultural dos sujeitos, além de um aspecto fundamentalmente plástico no que diz respeito aos conteúdos e às formas como são apresentados pela mídia impressa.

Dessa forma, utilizamos como referência teórica para o conceito de gênero, enquanto categoria discursiva, a definição de Marcuschi (2008), na qual os gêneros seriam realizações linguísticas não estanques quanto à determinação de padrões, ainda que possuam uma forma relativamente estável possibilitando o reconhecimento por parte dos falantes. Partimos ainda da colocação de Marcuschi (2006) em que: “a hibridização é a confluência de dois gêneros e este é o fato mais corriqueiro do dia-a-dia em que passamos de um gênero a outro ou até mesmo inserimos um no outro seja na fala ou na escrita”. (MARCUSCHI, 2006, p.29) Desta forma, entendemos hibridização como uma espécie de heterogeneidade presente em alguns gêneros, que, em alguns casos, é inerente a eles. Portanto, nessa discussão, consideramos hibridização nos gêneros notícia e reportagem, como sendo textos constituídos pela mescla de características de dois ou mais gêneros.

Para a definição do gênero notícia, utilizamos os esclarecimentos contidos em Cunha (2003), na qual este gênero é visto como

um texto redacional informacional, que visa a fazer saber. Assim, as notícias são consideradas:

[...] textos informativos [que pertencem ao] tipo textual narrativo, com verbos no passado e em terceira pessoa, e procuram responder às questões: o quê? quem? quando? onde? No caso das notícias mais desenvolvidas, como as das revistas semanais, as perguntas como? por quê? e daí? também são respondidas, devido ao caráter explicativo dos textos nesse suporte. (CUNHA, 2003, p.170)

A reportagem seria, então, como na definição de LOPES-ROSSI (2008) “... a cobertura detalhada e aprofundada de fatos recentes e de grande repercussão ou de temas que o repórter procura desdobrar em seus aspectos mais importantes.” (LOPES-ROSSI, 2008, p.61). A reportagem difere da notícia em relação ao conteúdo, a extensão e a profundidade; ela será sempre baseada em declarações e opiniões de especialistas no assunto, pessoas envolvidas no fato, material de arquivo consultado pelo jornalista; além de pesquisas, que podem atribuir credibilidade à reportagem. Outra diferença quanto à notícia, seria que na reportagem “... a diagramação da revista divide um texto longo em texto principal e boxes no pé da página e na lateral. Tanto jornais quanto revistas apresentam fotos, ilustrações e informações em boxes e gráficos. (LOPES-ROSSI, 2008, p.61)

Calcando-nos nestas definições, escolhemos para a realização deste trabalho o livro didático “Tudo é linguagem” (2007), referente ao 7º e 9º anos do Ensino Fundamental, visando observar como é o tratamento dado ao ensino da notícia e da reportagem nesses materiais. A escolha deste material didático como objeto de estudo foi motivada por se tratar de uma coleção respeitada e amplamente trabalhada em algumas escolas de Belo Horizonte. Além de tratar-se de uma coleção que, segundo o *Guia de livros Didáticos - PNLD* de Língua Portuguesa (2007), enfoca o trabalho com

gêneros textuais. Nesta avaliação, a coleção “Tudo é linguagem” destaca-se pelo “[...] trabalho orientado, passo a passo, quanto ao planejamento, à observação dos traços característicos do gênero, à elaboração temática e à auto-avaliação.” (PNLD, 2007, p.139).

Na realização deste trabalho, buscamos investigar como se organiza a metodologia de ensino destes gêneros em relação à diferença entre os exemplos utilizados e à forma com que eles são apresentados em livros didáticos. Também buscamos observar a maneira como estes gêneros aparecem veiculados em meios de comunicação escrita e a possível hibridização textual vista em tais incidências. No processo de análise, buscamos verificar teoricamente a notícia/reportagem do jornalista Carlos Antônio Prado, “Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação à 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella?” A referida sentença foi proferida à 00h29 de sábado, 27 de março de 2010.

Desta forma, nosso objeto de estudo nos propiciará a investigação não somente de um texto com o caráter notadamente híbrido, mas também, o tratamento de um tema polêmico, que por se tratar de um fato que obteve forte repercussão nacional, aponta também para o uso de outros recursos discursivos, que serão trabalhados posteriormente.

1. O material didático e o ensino de gêneros

Verificamos que na unidade 6 do livro didático *Tudo é linguagem* (2007), a abordagem da notícia é feita partindo do conceito calcado na resposta às seis questões fundamentais que caracterizam este gênero, informando a função deste e frisando as suas características imediatas. O livro apresenta também os diversos suportes que sustentam a notícia, com exemplos explorados por meio de questões de interpretação que orientam a leitura e que destacam as características fundamentais do gênero textual em questão.

Nota-se também que este livro didático procura estabelecer a intertextualidade entre os gêneros escritos, orais e outras formas de expressão artística que se assemelham ao gênero trabalhado. Para tanto, selecionam-se os principais aspectos prototípicos do gênero para estimular a produção por parte dos alunos por meio de fragmentos de notícias que contenham esses aspectos e, posteriormente, sugere a produção completa do gênero. Essas propostas sempre partem de um mesmo tema que vai sendo trabalhado ao longo do capítulo para que o aluno se familiarize com ele antes de partir para a produção do próprio texto, o que é feito visando a uma situação real de produção.

Na unidade 7 deste livro didático, é apresentada a reportagem por meio de um exercício mais aprofundado e extenso do que o feito com a notícia. E o trabalho com este gênero é desenvolvido a partir do conceito de notícia. A reportagem é apresentada no suporte jornal e são destacados elementos fundamentais como a manchete, o título, o autor, a foto e a linguagem. Além disso, o conteúdo temático é explorado por meio de questões de interpretação.

Partindo das reportagens trabalhadas, que giram em torno de um mesmo tema, o livro aproveita para explorar outros gêneros que aparecem na reportagem, como o diário (ou relato), o mapa (ou carta geográfica), o quadro-resumo, o relato pessoal e a entrevista, mostrando assim que um gênero pode conter outros, e que é pouco provável que apareça sozinho, ou seja, que a maioria dos gêneros se mostra híbridos.

Nota-se que as autoras do livro didático, a partir da própria configuração da ordem dos capítulos, tratam primeiramente da notícia e posteriormente da reportagem, demonstrando, na apresentação de cada capítulo, características dos gêneros e aspectos que os diferenciam, indicando a existência de uma intertextualidade entre tais gêneros. Nesse sentido, verifica-se que

[...] a intertextualidade é o elemento constituinte e constitutivo do processo de escrita/leitura e compreende as diversas maneiras pelas quais a produção/recepção de um dado texto depende de reconhecimentos de outros textos por parte dos interlocutores, ou seja, dos diversos tipos de relações que um texto mantém com outros textos. (KOCK e ELIAS, 2006, p. 86)

Este procedimento de indicação de características, diferenças e presença de intertextualidade, pode ser visto na abertura do capítulo 7 em relação ao tratamento do gênero reportagem:

A reportagem pode ser considerada a própria essência de um jornal e difere da notícia pelo conteúdo, extensão e profundidade. A notícia, de modo geral, conta o fato e, no máximo, seus efeitos e consequências. A reportagem busca mais: partindo da própria notícia, desenvolve uma sequência investigativa que não cabe na notícia. Assim, apura não somente as origens do fato, mas também suas razões e efeitos.” Essa é a definição de reportagem dada no manual de redação e estilo do jornal O Estado de S. Paulo, importante veículo de comunicação escrita. Você já leu alguma reportagem completa? Este será o desafio desta unidade: ler uma reportagem sobre o índio no Brasil de hoje. (BORGATTO; BERTIN; MARCHEZI, 2007, p.205)

Além disso, as autoras exploram os elementos da notícia fazendo, inclusive, um resumo para mostrar a diferença entre a notícia e a reportagem, dizendo que ambas são relatos de acontecimentos reais e o que as diferencia reside no fato de a reportagem ser mais extensa e profunda.

Ao final da exposição sobre a reportagem no Livro *Tudo é linguagem* (2007) é proposta a produção deste gênero escrito a partir de uma situação real, ou seja, um acontecimento ocorrido na sociedade

e noticiado pelos jornais, fazendo com que o aluno busque dados que servirão de base para o texto.

2. Caindo na real: os gêneros textuais nos meios de comunicação escrita

A notícia/reportagem “Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação à 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella?” (PRADO, 2010, p. 68 – 74) poderia ser classificada apenas como reportagem, se obedecessem somente aos elementos contidos na definição de Maria Aparecida Garcia Lopes-Rossi (2008). Porém, já no início da matéria, podemos constatar a hibridização do texto, em que é possível observar o fato de o primeiro parágrafo corresponder à estrutura típica do gênero notícia, respondendo a todas as perguntas canônicas - “o quê? quem? quando? onde? como? por quê? e daí?” - propostas por Dionísio (2003), para a estrutura do gênero notícia, como se pode observar neste trecho:

Aos 29 minutos da madrugada do sábado 27, o Juiz Mauricio Fossen, que presidiu o júri do casal Alexandre Nardoni e Anna Carolina Trota Jatobá, anunciou a decisão dos sete jurados que compuseram o conselho de sentença ao longo dos cinco dias de julgamento. Eles foram considerados “culpados” pelo brutal assassinato em São Paulo da Garotinha Isabella, 5 anos, na noite de 29 de março de 2008 – ela era filha de Alexandre e enteada de Anna Carolina. Com voz firme e ritmada, olhando de frente para o casal, o juiz Fossen quantificou a pena: Alexandre foi condenado a 31 anos, um mês e dez dias de prisão e Anna Carolina, aos 26 anos e oito meses. (PRADO, 2010, p.70).

Quanto ao gênero reportagem, podemos nos embasar na teoria formulada por Lopes-Rossi (2008):

O propósito comunicativo da reportagem, segundo os manuais de redação jornalística, é trazer informações atualizadas e detalhadas sobre fatos (acontecimentos), tema ou pessoa de interesse do público-alvo da revista ou jornal. No entanto, muitas vezes a reportagem tem o propósito implícito de formar a opinião de seu público a respeito de determinado assunto, de causar indignação, de ironizar uma situação, de beneficiar ou desqualificar a imagem de uma figura pública[...] (LOPES-ROSSI, 2008, p.61)

No título anunciado na capa da revista *Porque eles mataram - por dentro da mente dos assassinos Alexandre Nardoni e Anna Carolina*, o autor da capa propõe uma tese. Nesta, o jornalista trabalha com a hipótese de que, no texto da reportagem, ele tentará responder a razão pela qual Alexandre Nardoni e Carolina Jatobá mataram Isabella. Há nesse ponto uma sugestão de que a explicação virá de dentro “da mente” dos assassinos, o que indica a tese apresentada pelo jornalista de que o assassinato poderia ser explicado por desvios psicológicos dos réus, como podemos observar:

Nada é mais revoltante, nada incomoda mais, de acordo com especialistas, “deixa as pessoas inseguras” do que um crime bárbaro sem motivo. A ausência de razão, no entanto, é apenas aparente. Em casos algozes como o de Isabella, todos os motivos – ou a falta deles – têm de ser escolhidos no campo da psicologia e da psiquiatria. (PRADO, 2010, p.71)

O autor demonstra, então, que a reportagem não terá somente a intenção de informar um fato e fazer a cobertura da polêmica. Ele propõe uma tese, sobre a qual argumentará ao longo do seu texto, utilizando-se

de vários recursos linguísticos, para provar um ponto de vista do qual quer tentar convencer seus leitores: o casal Nardoni cometeu o assassinato por sofrer de desvios psicológicos.

Segundo Bakhtin, o dialogismo seria: “[...] o princípio constitutivo da linguagem e a condição do sentido do discurso. [Bakhtin] Insiste no fato em que o discurso não é individual.” (BARROS, 1997, p.33-34). O dialogismo não seria individual pelo fato de se construir entre, pelo menos, dois interlocutores, que por sua vez, são seres sociais, e também porque se constrói como “um diálogo entre discursos”, ou seja, mantém relações com outros discursos. Desta forma, o dialogismo define o texto como um “tecido de muitas vozes”, ou de variados textos ou discursos, que se entrecruzam se completam, respondem umas as outras ou polemizam entre si no interior do texto. (BARROS, 1997, p.33-34). De acordo com esta colocação verificamos a presença do dialogismo nesta notícia/reportagem utilizado como forma de argumentação da tese defendida.

Considerando *dialogismo mostrado* como sendo “todas as formas de representação que um discurso dá do outro, explicitamente, por meio de marcas tipográficas ou das formas verbais” (MOIRAND, 1999). Nota-se que Antonio Carlos Prado utilizou-se do dialogismo mostrado ao citar os gritos da multidão após o julgamento, para ratificar a tese proposta na reportagem, como constatamos a seguir:

300 pessoas comemoram a decisão da justiça com rojões e ao som do “Tema da vitória”, música consagrada nas conquistas de Ayrton Senna. Quando as viaturas que transportavam o casal saíram do Fórum em direção à cidade paulista de Tremembé, onde eles cumprirão suas penas, a multidão investiu contra aos carros aos gritos de “condenados, condenados”. Em seguida, passou a clamar por “Cembranelli, Cembranelli”, homenageando assim o professor Francisco Cembranelli que acusou o casal “O júri não é uma ciência exata, mas o resultado mostrou que eu estava certo”, disse ele. (PRADO, 2010, p.71).

Além disso, PRADO (2010) utiliza o *Vox Populi*, a voz da multidão, como forma de confirmar sua tese e *proteger a sua face*, pois cita o que o outro, o povo, fala e não se assume como enunciador de tal opinião. Poderíamos dizer, então, que o autor dessa notícia/reportagem usa a polifonia, como ato de “um sujeito que não está sozinho”, pois ele:

busca outras fontes para seu texto, ainda que inconscientemente, fazendo com que sua produção seja uma representação de outras vozes, além de interagir com seu próprio enunciatário, já que todo texto tem em vista um receptor, real ou imaginário (SILVA, 2004, p.63).

A palavra polifonia “caracteriza um certo tipo de texto, aquele em que o dialogismo se deixa ver, aquele em que são percebidas muitas vozes, por oposição aos textos monofônicos que escondem os diálogos que os constituem”. (BARROS, 1997: p.35). Esse recurso será novamente utilizado no final da reportagem, quando o autor apresenta um quadro de declarações de pessoas da população sobre tal polêmica, intitulado “O que diz o povo”. Esse quadro é constituído de declarações feitas por cidadãos comuns, apresentadas em um conjunto, ratificando a tese defendida pelo autor da culpabilidade dos réus e da explicação psicológica do crime: “Ele matou porque é um monstro, um psicopata”, comenta Lucimeire Gomes Castilho, 45 anos, comerciante (PRADO, 2010, p.74) - “Alexandre matou a filha porque faltava amor”, diz Elisângela Maria de Souza, 28 anos, desempregada (PRADO, 2010, p.74).

A apresentação do quadro, “O que diz o povo” (PRADO, 2010, p.74), também indica a utilização de outro recurso linguístico e textual pelo autor: a relação de declarações, que “é um texto construído por meio de outros discursos, mas sobre os quais o jornalista tem domínio”. (CUNHA, 2003, p.174). A utilização de tal recurso também poderá ser

vista em outras partes da notícia/reportagem, em que o autor apresenta a opinião de uma cidadã comum e posteriormente a de um psiquiatra:

“Eu até preferia que eles fossem inocentes porque ninguém quer imaginar que um pai possa matar a filha.”, dizia na noite de sexta-feira 26, diante do Fórum, a trabalhadora autônoma Desirrée Espin. “Meu Deus, qual será o motivo desse crime?”.[...] Em casos como o dos algozes de Isabella, todos os motivos – ou a falta deles – têm de ser colhidos no campo da psicologia e da psiquiatria. “Tem de haver alguma loucura envolvida nesse episódio. Ninguém atira um criança pela janela sem uma psicopatologia.”, diz um dos mais conceituados psiquiatras forenses da América Latina, Guido Arturo Palomba. (PRADO, 2010, p.71-72).

O uso da polifonia por meio do *dialogismo mostrado* poderá ser novamente observado em um trecho, no qual o autor se utiliza da polifonia como argumento de autoridade, ou seja, cita a fala do promotor Francisco Cembranelli. Ao fazer tal citação Antonio Carlos Pardo “visa fazer admitir uma idéia ou tese remetendo-a a um autor, digno de fé e com autoridade reconhecida no assunto. Ao fazê-lo, aumentamos a credibilidade de nosso próprio” (EMEDIATO, 2004, p.37). Tal recurso poderá ser verificado no trecho: “[...] em seguida, [a multidão] passou a clamar por “Cembranelli, Cembranelli”, homenageando assim o professor Francisco Cembranelli que acusou o casal “O júri não é uma ciência exata, mas o resultado mostrou que eu estava certo”, disse ele.”(PRADO, 2010, p.71). O trabalho com o dialogismo mostrado, e o argumento de autoridade, poderá ser encontrado em todo o texto, como forma de reafirmação da tese e do ponto de vista do autor em citações de psicólogos e especialistas, como podemos observar:

Da parte de Alexandre há uma certa frieza. Já Anna Carolina me parece instável e impulsiva. Isabella foi jogada pela janela como simulação de numa morte acidental e isso pode revelar traços psicopáticos. Mas discordo do diagnóstico de epilepsia condutopática, diz o psiquiatra forense e professor da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, José Taborda. (PRADO, 2010, p.7).

Como forma de desenvolver os argumentos a favor de sua teoria sobre a causa do assassinato, o autor recorre também ao dialogismo constitutivo, “modo de construção dos discursos por meio da incorporação de outros sobre o mesmo objeto, podendo ou não ser percebido como tal pelo sujeito falante e pelo receptor” (MOIRAND, 1999). A presença de tal recurso é percebida quando o autor indica detalhes do procedimento do caso judicial, citando doenças e teorias da psicologia sem fazer referência direta à fonte ou aos psicólogos que fundamentaram tais termos, como se pode ver:

Ana Carolina e Alexandre não se submeteram a nenhuma avaliação psiquiátrica após a morte de Isabela (passaram apenas pelo exame toxicológico no instituto médico Legal de São Paulo), até porque os advogados de defesa jamais seguiram a linha de que os réus poderiam ser portadores de distúrbios mentais (doença) ou transtornos de personalidade (característica mais comportamental). A rigor, quando a população fica justificadamente indignada como se viu ao longo da semana, pontualmente na porta do Fórum de Santana, e de forma mais pulverizada, durante os últimos 24 meses em todo o Brasil, o que ela busca é uma explicação e uma motivação para o crime. (PRADO, 2010, p.71)

Nesse mesmo trecho, podemos observar novamente a utilização do *Vox Populi* por meio da polifonia em que o texto deflagra a indignação com

o caso e propõe a questão que orientará o desenvolvimento da tese: uma busca possível para a explicação do crime. Ao utilizar por todo o texto a terceira pessoa do singular e do plural, tentando despersonalizar o seu texto e *proteger a sua face*, Antonio Carlos Prado não somente reafirma a sua opinião pela voz do outro, mas também recorre à dramatização, por meio da expressão da comoção popular. Esse procedimento acontece quando ele cita elementos que constituem o imaginário do sentimental nacional, como a figura de Ayrton Senna e a música tema de suas vitórias: “300 pessoas comemoram a decisão da justiça com rojões e ao som do ‘Tema da vitória’, música consagrada nas conquistas de Ayrton Senna”. (PRADO, 2010, p.71). E também, na descrição dramatizada do julgamento, o texto visa ser impessoal, mas demonstra claramente a percepção do autor:

Um silêncio sepulcral tomou conta da sala enquanto Fossen lia a sentença. Alexandre e Anna estavam algemados e, em alguns momentos, ele mordeu os lábios e levou as mãos aos olhos e ao nariz. Ela permaneceu impassível. Só choraram à 0h40 quando a sentença foi concluída, selando os seus destinos. (PRADO, 2010, p.70)

Desta forma, quando o autor faz uso de recursos discursivos e textuais em seu texto, ele demonstra que, além de compor um texto híbrido, por se adequar aos elementos do gênero notícia e reportagem, sua matéria ainda dialoga com outros gêneros textuais, como por exemplo, o artigo de opinião. Sugerimos esta relação estabelecida entre os gêneros, pois além de tentar convencer o leitor de um ponto de vista, o autor da reportagem ainda apresenta a própria opinião, utilizando o dialogismo e a polifonia, para tornar seu texto mais confiável e convincente.

Além disso, há outros elementos que constituem parte da configuração híbrida da reportagem, como o quadro “outros casos chocantes”, presente na reportagem, que demonstra diversos crimes que provocaram comoção

nacional. Ainda diagrama da reportagem, os quadros que aparecem abaixo do texto, intitulado “Por dentro do julgamento”, visa a narrar os acontecimentos de cada um dos dias do julgamento, demonstrando uma tentativa de expor informações de maneira impessoal ao leitor, mas que contribuem ainda mais para a confirmação da tese e da opinião do autor desse texto.

3. Conclusão

A partir da análise dos capítulos do livro didático *Tudo é linguagem* (2007), que trabalham com a notícia e a reportagem, e da análise do aspecto textual híbrido e dos recursos, textuais e linguísticos, da matéria jornalística publicada na Revista *Isto É* (2010), propusemos a problematização do trabalho com livros didáticos quanto à diversidade dos gêneros possivelmente trabalhados em sala de aula. Objetivamos portanto, demonstrar por meio da análise da matéria jornalística, a distinção que, possivelmente, pode ocorrer entre a estrutura uniforme dos gêneros apresentados em sala de aula e a estrutura híbrida dos gêneros presentes nos meios de comunicação.

Considerando que “Os gêneros sempre estiveram presentes em sala de aula, mas em número reduzido e não diversificado, e sempre revestidos de caráter institucionalmente escolar” (PEREIRA e PINTO, 2005, p.62). Constatamos que o livro analisado *Tudo é linguagem* (2007), apresenta o gênero reportagem sendo desenvolvido a partir do gênero notícia, indicando, assim, uma assimilação entre as características destes gêneros e a forma como poderiam ser vistos em meios de comunicação fora dos materiais voltados para o ensino. Apesar disso, este material didático ainda não deixa de se enquadrar no espaço particularizado do trabalho com gêneros em sala de aula:

A particularidade da situação escolar reside no seguinte fato que torna a realidade bastante complexa: há um desdobramento que se opera em que o gênero não é mais instrumento de comunicação somente, mas é, ao mesmo tempo, objeto de ensino-aprendizagem. O aluno encontra-se, necessariamente, num espaço do “como se”, em que o gênero funda uma prática de linguagem que é, necessariamente, em parte, fictícia, uma vez que é instaurada com fins de aprendizagem. (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.76)

Nota-se então que o livro didático *Tudo é linguagem* (2007) objetiva trabalhar estes gêneros jornalísticos tentando dialogar com as ocorrências reais destes gêneros nos meios de comunicação, mostrando os aspectos que se relacionam na estrutura e na constituição de cada um. No entanto, sabemos que a diversidade de formas, construções e visões presentes em um gênero textual, ainda mais quando se apresenta em um texto híbrido, como a matéria jornalística analisada, é praticamente impossível de ser totalmente englobado e explorado pelos manuais didáticos. Lembrando-se de que:

O gênero sofre uma transformação ao ser transportado para um outro lugar social diferente de onde foi criado. Essa transformação faz com que perca seu sentido original, e passe a ser “gênero a aprender, embora permaneça gênero a comunicar” (SCHNEUWLY e DOLZ, 2004, p.81). Os alunos precisam ser expostos a situações de comunicação que se aproximem das genuínas situações de referência, que lhes sejam significativas, para que eles possam dominá-las, mesmo sabendo que os objetos são outros. (PEREIRA e PINTO, 2005, p.66)

Calcamo-nos nesta perspectiva para constatar que por mais aberta e flexível que seja a abordagem encontrada no material didático analisado,

o aluno participante do trabalho com gêneros no ambiente escolar sempre estará exposto a situações de comunicação real, por meio dos gêneros, como a reportagem/notícia da Revista *Isto É* (PRADO, 2010, p 68-74), que não se ajustarão aos conceitos e definições ensinadas nas aulas de língua portuguesa.

Desta forma, como meio de atenuar este contraste entre o ensino de gêneros e suas ocorrências reais nos meios de comunicação, propomos que, como modo de complementação ao trabalho com gêneros contido no livro didático, o professor de língua portuguesa leve para a sala os diversos gêneros em seu suporte original, trabalhando, assim, a forma como eles são veiculados na sociedade, como no caso do jornal e da revista com notícias e reportagens. Assim, esta seria uma das opções de praticas que o educador poderia utilizar para tentar aproximar o aluno de situações de produção de gêneros textuais. Esta metodologia não limitaria as concepções e aspectos dos gêneros para o aluno somente no contexto de atividades e avaliações em sala de aula, mas seria também uma possibilidade de prepará-lo para as situações reais de comunicação e de produção por meio dos gêneros textuais.

Referências bibliográficas

- BARROS, Diana Luz Pessoa de. (1997). Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth.(org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. São Paulo: UNICAMP, p.385.
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezina; MARCHEZI, Vera. (2007). *Tudo é linguagem*. 7º ano do Ensino Fundamental/ 6ª série. Ática, 1ª ed..
- BORGATTO, Ana; BERTIN, Terezina; MARCHEZI, Vera. (2007). *Tudo é linguagem*. 9º ano do Ensino Fundamental/ 8ª série. Ática, 1ª ed.
- BRASIL. Ministério da Educação. *Guia de livros didáticos PNLD 2008 - Língua Portuguesa* / Ministério da Educação. Brasília : MEC, 2007. 148 p.

BRASIL.(1998) *Parâmetros Curriculares Nacionais: Terceiro e quarto ciclo do ensino fundamental – Língua Portuguesa*. V.2. Secretaria do Estado de Educação Fundamental. Brasília: MEC-SEF.

CUNHA, Dóris Arruda Carneiro da. (2003). O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião. In: DIONISIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). (2003) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 3ª ed.

DIONISIO, Angela; BEZERRA, Maria Auxiliadora; MACHADO, Anna Rachel (Orgs.). (2003) *Gêneros textuais e ensino*. Rio de Janeiro: Lucerna, 3ª ed.

EMEDIATO, Wander. (2004) Tipologia de argumentos. In: *A fórmula do texto: Redação, argumentação e leitura: técnicas inéditas de redação para alunos de graduação e ensino médio*. São Paulo: Gradação Editorial.

LOPES-ROSSI, Maria Aparecida Garcia.(2008) Práticas de leitura de gêneros discursivos: A reportagem como proposta. In: PETRONI, Maria Rosa. *Gêneros do discurso, leitura e escrita: experiências de sala de aula*. São Carlos: Pedro & João Editores, p.138.

MARCUSCHI, L. A. (2006) Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, A. M.; GAYDECZKA, B.; BRITO, K. S (Orgs.). *Gêneros textuais: reflexão e ensino*. 2 ed. Rio de Janeiro: Lucerna.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. (2008) *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola.

MOIRAND, S.(1999). *Les indices dialogues de contextualisation dans la presse ordinaire- cahiers de praxématique*. p. 145-183.

PEREIRA, Regina Celi Mendes; PINTO, Abuêndia Padilha.(2005) *Gêneros textuais e letramento: Uma abordagem sociointeracionista da produção escrita de 1ª e 2ª séries*. Tese – CEDOC- FAE.p.436.

PRADO, Antonio Carlos.(2010) *Culpados! Anna Carolina Jatobá e Alexandre Nardoni ouviram a sentença de condenação à 00h29 do sábado 27. Porque eles mataram Isabella? Revista Isto É*. Ano 34, nº 2107, 31 mar. SP: Ed. Três. p. 68 - 74.

SCHNEWLY, Bernard, DOLZ, Joaquim & NOVERRAZ, Michelle.(2004) Sequências didáticas para o oral e a escrita: Apresentação de um procedimento. In: ROJO, Roxane; CORDEIRO, Gláís Sales. *Gêneros orais e escritos na escola*. (Tard.e Orgs.) São Paulo: Mercado de Letras, p.71-91.

SILVA, Rosilene.(2004) *Argumentação e discurso mobilizante. Estratégias de uma empresa de vendas em rede*. BH: Editora c/arte.